

Editorial

Nova equipa editorial da Revista Lusófona de Educação

A Revista Lusófona de Educação (RLE) foi criada em 2003 como um projeto editorial do então Observatório de Políticas de Educação e de Contextos Educativos (OPECE), uma Unidade de Investigação e Desenvolvimento constituída no seio da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, antecessora do atual Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED) da agora designada Universidade Lusófona.

No Editorial do nº 1 escrevemos que a revista surgia de um “cruzamento de propósitos entre a vontade de afirmar um campo (e um trabalho) científico e um objetivo geral de afirmar a lusofonia como um espaço, não de velhos saudosismos (neo)coloniais [...], mas de afetividades e de cooperação solidária entre comunidades académicas que partilham, para além de uma língua comum forjada numa rica mestiçagem histórica, objetivos de difusão e internacionalização da sua produção científica” (p.6).

Dez anos depois, em 2013, a RLE passou a ser editada em quatro línguas: para além do português, a sua matriz, o inglês, o espanhol e o francês. Como então se justificava, “foi uma decisão ponderada, que assume o caráter cosmopolita da produção científica e a defesa dessas quatro línguas como línguas de difusão científica (e não apenas o inglês). Esperamos que essa decisão não descaraterize a RLE e, pelo contrário, a permita confirmar como uma revista internacional de primeiro plano nas Ciências da Educação” (Editorial da RLE 24, p. 5).

Em 2020, aos editores nacionais da RLE, juntaram-se quatro editores internacionais: André Robert (Université de Lyon, França), Emilio Lucio-Villegas Ramos (Universidad de Sevilla, Espanha), Greg Misiaszek (Beijing Normal University, China) e Judith Naidorf

(Universidad de Buenos Aires, Argentina). Na avaliação que fazemos, essa decisão cumpriu plenamente o objetivo de afirmar a RLE como uma 'revista internacional de primeiro plano', como o atestam as indexações nas principais redes internacionais e a procura de publicação dos cientistas sociais da educação, não apenas do espaço lusófono, mas crescentemente de outros espaços, em particular do ibero-americano e francófono.

Desde 2010, o trabalho editorial da RLE esteve, ininterruptamente, sob a responsabilidade dos professores e investigadores do CeIED, Maria Neves Gonçalves e José Viegas Brás, com a participação do cofundador da revista, Manuel Tavares (a trabalhar no Brasil desde 2010). A esta equipa de editores, responsável pela afirmação nacional e internacional da Revista Lusófona de Educação durante toda a difícil década de 2010, juntou-se, em 2020, a investigadora do CeIED, Lucimar Dantas.

Editar uma revista que obedeça aos exigentes padrões internacionais, com a publicação de quatro números por ano como presentemente o faz a RLE, é uma tarefa que exige muita sensibilidade, um conhecimento apurado do campo científico e das suas implicações académicas, e um enorme esforço e total dedicação. Maria Neves Gonçalves e José Viegas Brás (e Manuel Tavares) foram a face desse trabalho (quase) invisível, mas fundamental para uma comunidade científica com tão poucos espaços qualificados de publicação. Quando, por razões de natureza profissional e pessoal, terminam esta responsabilidade editorial, um grande **obrigado**. O seu exemplo continuará a marcar a imagem da RLE.

A Revista Lusófona de Educação é uma dimensão do trabalho científico (e editorial) do Centro de Estudos Interdisciplinar em Educação e Desenvolvimento. E é nesse contexto que foi constituída a nova equipa editorial, que passa a integrar as investigadoras Cristina Sin, Elsa Estrela, Leanete Dotta, Vanessa Russo e Lucimar Dantas (que transita da equipa editorial anterior). É esta nova equipa de editoras nacionais (exclusivamente no feminino) que assume a coordenação da revista já no presente número e que procurará, nos próximos anos, dar um renovado impulso à sua visibilidade nos planos nacional e internacional.

Neste tempo de frias linguagens, torna-se necessário uma ciência social que ajude a um 'reencantamento' das políticas de educação e das práticas educativas, que assegurem a universalidade da condição humana e o direito de todos a aprender, na sua diversidade e unidade. A RLE mantém-se firme no prosseguimento deste propósito.

Lisboa, Novembro de 2024
António Teodoro
Diretor

Apresentação no número

No presente número apresentam-se sete artigos generalistas e uma revisão crítica. O tema geral dos artigos é a educação nas suas várias dimensões, abordando tópicos que abrangem as metodologias pedagógicas e as práticas inovadoras, bem como os desafios no ensino superior, bullying, autorregulação e os impactos da tecnologia. Juntos, os estudos apresentados ilustram a diversidade de problemáticas educacionais contemporâneas, com ênfase na formação integral dos alunos e nas novas abordagens pedagógicas. Os artigos também refletem a diversidade temática e linguística da RLE, abrangendo diferentes contextos educacionais e culturais.

O primeiro artigo é da autoria de Susana Batista e Cláudia Urbano que tem por título *Ensinar investigando: portefólios de atividades de investigação sobre o abandono no ensino superior*. Neste artigo, as autoras analisam uma experiência pedagógica no curso de Mestrado em Educação, no qual foram criados portefólios com atividades de investigação pelos estudantes. Discute-se o potencial deste instrumento no ensino de métodos de investigação, destacando o seu papel no enriquecimento e flexibilização do percurso formativo.

Quanto ao segundo artigo, da autoria de Daniela Cortesão, Isabel Festas e Maria Paula Paixão, intitulado *A Escrita no Ensino Superior: as crenças dos estudantes*, a importância central da escrita no Ensino Superior e o impacto das crenças dos estudantes sobre essa atividade são o seu foco. Através da análise de composições, observou-se que muitos estudantes ainda veem a escrita como um talento inato, desvinculado do esforço.

O terceiro artigo é da autoria de Ana Paula Janz Elias e Dilmeire Ramos Vosgerau e intitula-se *Autorregulação Para a Aprendizagem no Contexto da Educação Brasileira: uma revisão integrativa*. Este estudo analisa a forma como os investigadores brasileiros abordam o conceito de autorregulação para a aprendizagem na

educação básica e superior através de teses de doutoramento. Os resultados indicam que a autorregulação é caracterizada por motivação, autonomia e controlo emocional, sendo Zimmerman a principal referência teórica e a Teoria Social Cognitiva em destaque.

O quarto artigo é da autoria de Wanderlei de Oliveira, Claudio Romualdo, André Andrade, Diene Monique Carlos, Marta Silva e Manoel Antônio dos Santos e tem como título *Bullying na adolescência e ansiedade*. Este estudo aborda a relação entre o bullying escolar e a ansiedade nos adolescentes, através de uma revisão integrativa. Os resultados indicam que as raparigas, vítimas de bullying e testemunhas de comportamentos agressivos apresentam maior vulnerabilidade ao desenvolvimento de ansiedade.

O quinto artigo é da autoria de Sively Mercado Mamani, Israel Barrutia Barreto, Jorge Mercado Portal, Luz Mamani Cahuta e Carlos Rolin Diaz e intitula-se *La Investigación Formativa en las Universidades Peruanas: Análisis de Tendencias y Desafíos en Documentos Institucionales*. Nele é analisada a situação da pesquisa formativa nas universidades peruanas, destacando o seu papel no fortalecimento da produtividade científica. A revisão documental revelou que a pesquisa formativa está mais presente nas universidades públicas do que nas privadas, sendo considerada principalmente em modelos educacionais e planos estratégicos institucionais.

O sexto artigo é da autoria de Rodrigo Faria, Daniela Pedrosa e Betina Lopes e apresenta o título de *Narrative review on sustainable feedback compared to other concepts*. Este estudo explora as variações terminológicas nas práticas de feedback docente, com foco no conceito de Feedback Sustentável (FS), que promove interações dialogadas e a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem.

O sétimo e último artigo é da autoria de Keila Coelho com o título *Metodologías activas e innovación en la enseñanza de la fonética portuguesa como lengua extranjera*. Realizado na Universidade de Sevilha, em Espanha, o estudo analisa a eficácia de metodologias ativas no ensino da fonética portuguesa como língua estrangeira, tendo recorrido a atividades interativas como jogos de pronúncia, exercícios auditivos e aprendizagem colaborativa.

Finalizamos o número 64 da RLE com uma recensão crítica sobre o livro *A fábrica de cretinos digitais: O perigo dos ecrãs para os nossos filhos*, de M. Desmurget (2021), da autoria de Fernanda Candeias. A autora apresenta uma análise crítica sobre os efeitos nocivos do uso excessivo de dispositivos digitais na saúde e no desenvolvimento cognitivo das crianças. A obra suscita um debate importante sobre a relação das novas gerações com a tecnologia, embora careça de soluções práticas para mitigar os problemas identificados.

Cristina Sin, Elsa Estrela, Leanete Thomas,
Lucimar Dantas, Vanessa Russo